

Instabilidade

Giselda Medeiros

Vês?

Aquela onda a tecer rendas de espanto,
na areia,
não sou eu.

Eu sou o contorno das espumas
lavrado como escritura
para o abissal exílio dos grãos
de areia.

Minha essência
são esses fragmentos de ausência
retidos na voz dos naufragos,
no desespero das algas e corais
afogados.

Entre ti e mim há sombras
que devoram horas,
que extraviam calendários;
há vôos que perderam a estabilidade
e passos esquecidos nas estradas.
Somos paisagens que se despedaçam
sob os látigos do tempo.

Em nós, apenas os murmúrios cegos
de um amor espetado
pelos dedos espinhentos do destino.

Somos a ânsia dos tardos andarilhos:
tu, as pegadas, lentas,
irremediavelmente tímidas;
e eu, o porto, a chegada final,
que espera em vão
o assentamento da âncora
dos teus andarilhos passos.

Sem Palavras

Giselda Medeiros

Nem falamos de amor... mas, na verdade,
falar, pra quê, se nosso olhar, no breve
encontro que tivemos, fez-se leve
linguagem, plena de emotividade?...

Nem falamos de amor... contudo a neve,
que alva e ternamente nos invade,
fez-se poema auroral de liberdade,
verso lilás que a vida nos escreve.

Não sei, amor, ao certo, se é loucura
minha alma, frágil em sua arquitetura,
arder em chama tão descomunal.

Mas, se o amor é bem que não tem preço,
e, como ser humano, eu o mereço,
penetrei-lhe, sem medo, a catedral.